

Venezuela: Diz-me com quem andas...



“Com a Constituinte, quem manda é o povo” – diz o cartaz.

PT e CUT contra ingerência imperialista, mas certa
“esquerda” quer derrubar Maduro

Reproduzimos um artigo publicado no Jornal “O Trabalho” (1) nº 811, de 3 de Agosto de 2017, da autoria de Lauro Fagundes, sobre as posições defendidas por certa “esquerda” em relação à Venezuela.

Não é preciso estar em total acordo com Maduro, com o PSUV (Partido Socialista Unido de Venezuela) ou com a Constituinte eleita a 30 de Julho, para perceber quais são as forças fundamentais que se opõem hoje na Venezuela.

De um lado, está o imperialismo dos EUA e da União Europeia, governos reaccionários da América Latina, a grande burguesia venezuelana, com a cabeça em Miami e os pés esmagando o povo com especulação e boicote ao abastecimento.

Do outro, uma nação que se quer soberana, com um Governo que, de forma contraditória, procura preservar a independência do país e, ao fazê-lo, choca-se com os interesses do imperialismo. Isto num cenário continental em que os EUA querem recuperar o terreno perdido no que consideram ser o seu “quintal”, como se viu e se vê no próprio golpe dado no Brasil.

A presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Gleisi Hoffman, em resposta a provocações da Comunicação Social declarou: *“Gostando ou não de Maduro, ele tem legitimidade, foi eleito em urna, que não é o caso de quem hoje governa o Brasil. Constituinte também defendemos aqui. Foi deliberação do 6º Congresso do PT.”* (Folha de São Paulo, 25 de Julho).

A CUT (Central Única dos Trabalhadores), em nota oficial, reconheceu a Constituinte e declarou que *“rechaça quaisquer tipos de interferências de governos estrangeiros sobre a Venezuela”*. Também a CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), a Intersindical, a UNE (União Nacional dos Estudantes), o MST (Movimento dos Sem Terra), o PCdoB (o Partido Comunista do Brasil), o PCO (Partido da Causa Operária) e outras entidades e partidos declararam apoio à Venezuela contra a ingerência imperialista e em defesa da soberania nacional.

Uma nota da Secretaria de Relações Internacionais do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) manifesta *“apoio ao processo constituinte proposto pelo governo Maduro”*, afirmando: *“Por mais que possamos identificar equívocos na condução da Revolução Bolivariana por parte do governo de Nicolás Maduro, a radicalização das posições coloca como única alternativa à sua continuidade a tomada do poder pela direita. Não há meio-termo e não há terceira via”*.

De que lado está certa “esquerda”?

Mas, a Executiva do PSOL-RJ (Rio de Janeiro), reagindo a essa nota, afirma que *“está com o povo da Venezuela, não com Maduro”*. O deputado Jean Wyllys diz ser *“indefensável a ditadura de Maduro”*, depois de Luciana Genro, em Março, ter acusado Maduro de “autogolpe”. A corrente CST (Corrente Socialista dos Trabalhadores) do PSOL, na secção do seu site “Rebelião popular na Venezuela”, reproduz a posição dos seus correligionários de lá: *“Frente contra a crise e a Constituinte fraudulenta de Maduro”*. Seria caso para perguntar: Frente com quem? Com Trump e a oposição venezuelana, nucleada na Mesa de Unidade Democrática (a MUD)?

Já o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) divulga a posição da LIT-CI (2), de 2 de Agosto (após as eleições constituintes): *“Por uma greve geral e um ‘venezuelaço’ para derrubar Maduro e mudar o país. Fora Maduro e o seu governo de fome e miséria!”*. Lembremos que “greve geral” (na verdade “lockout”, quando patrões fecham empresas) foi o apelo feito pela MUD dois dias antes das eleições para a Assembleia Constituinte.

Nada mais oposto às posições de Trotsky e da IVª Internacional de defesa incondicional da nação oprimida contra o imperialismo e os seus agentes locais, o que hoje se traduz na necessidade da frente única anti-imperialista na Venezuela, que inclui o chavismo e o próprio governo Maduro, ainda que se possa ter diferenças importantes com eles.

A “contribuição” deste tipo de “esquerda” é levantar a bola para estalinistas de plantão caluniarem o trotsquismo como *“quinta coluna, tal como na guerra civil na Espanha 1936-1939, ou na Líbia e na Síria”* (D. Emanuelsson, em *“Resumen Latinoamericano”*, 30/07). O que, convenhamos, é totalmente dispensável numa discussão séria que envolve o futuro dos povos de todo o continente!

(1) Jornal cuja publicação é da responsabilidade da Secção brasileira da IVª Internacional (cujos militantes fazem parte da Corrente do Partido dos Trabalhadores com essa mesma designação).

(2) Trata-se da Liga Internacional dos Trabalhadores, que diz defender as posições da Quarta Internacional.